



*Literatura, viagens e turismo cultural
no Brasil, em França e em Portugal*

Maria Alexandre Lousada & Vitor Ambrósio

Editores

Lisboa, 2017

© CEG-IGOT-ULisboa, 2017

Esta publicação é de acesso livre no Repositório da Universidade de Lisboa:
<http://repositorio.ul.pt/>

Título

Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal

Editores

Maria Alexandre Lousada (CEG/IGOT e CH/FL, ULisboa)
Vitor Ambrósio (ESHTE)

Citação

Lousada, Maria Alexandre & Ambrósio, Vitor (Eds.). (2017). *Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa.

Nota

Os conteúdos dos capítulos deste livro são da inteira responsabilidade dos seus autores.

Os capítulos incluídos neste livro foram submetidos à revisão científica de: **Alves, Ida** - IL NEPA UFF / CNPq – Brasil; **Ambrósio, Vitor** – ESHTE; **Baleiro, Rita** - ESGHT, UAlg; **Chaves, Vania Pinheiro** - CLEPUL-FLUL; **Feitosa, Márcia** - UFMA/Brasil; **Figueiredo, Carmem** - UERJ,RJ, Brasil; **Kleiman, Olinda** - Sorbonne-Nouvelle – Paris 3; **Lncioni, Claudia** – Sorbonne Nouvelle, Crepal; **Quinteiro, Sílvia** - CEC/FLUL e ESGHT, UAlentejo; **Isilda** - ESHTE, IELT/UNL, SLESXIX/UBarcelona; **Lousada, Maria Alexandre** - CEG/IGOT e CH/FL, ULisboa; **Pog**; **Santos, Gilda** - UFRJ e RGPL; **Santos, Norberto** - CEGOT-Coimbra e DGT FLUC; **Santos, Ilda Mendes dos** - Sorbonne Nouvelle- Paris 3, CREPAL; **Sarmiento, João** - DGEO, UMinho e CEG/IGOT, ULisboa; **Simões, José Manuel** – CEG/IGOT, ULisboa; **Simões, Maria de Lourdes Netto** - ICER/DLA, UESC, Bahia- Brasil; **Umbelino, Jorge** – ESHTE e CEG/IGOT/ULisboa; **Vidal, Frédéric** - CRIA / ISCTE-IUL.

Editora

Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território,
Universidade de Lisboa (CEG-IGOT-ULisboa)

Formato

E-book, 656 páginas

Revisão de texto e execução gráfica

Márilisa Coelho

ISBN

978-972-636-247-0

Lisboa, 2017

Diário de viagem e a escrita dos lugares: as impressões/reflexões de Agustina Bessa-Luís em *Breviário do Brasil*

Márcia Manir Miguel Feitosa

Universidade Federal do Maranhão – Bolsista CAPES de Pós-Doutorado no Centro de Estudos Comparatistas - Universidade de Lisboa; marciamanir@hotmail.com

Resumo: Fruto de sua viagem ao Brasil em 1989, com o intuito de integrar o ciclo “Os Portugueses ao encontro da sua História”, *Breviário do Brasil*, de Agustina Bessa-Luís, publicado em 1991, está longe de constituir mais um livro de viagens de portugueses sobre a terra descoberta. Longe também de se configurar um “breviário”, o “diário de viagem” de Agustina consiste num livro de impressões de uma portuguesa que cedo conheceu o Brasil por intermédio do pai que para o Rio se mudou ainda jovem e onde viveu por vinte e cinco anos. Objetiva-se tecer uma análise deste gênero híbrido visando suscitar suas reflexões sobre os lugares (re)visitados, inspirados, sobretudo, em espaços de sua predileção. Sob a perspectiva da Geografia Humanista Cultural, esse estudo se voltará para os meandros da condição humana, trazidos na bagagem literária da autora e prontos para entrar em cena em seu desenho de Brasil.

Palavras-chave: *diário de viagens; topofilia; etnocentrismo; percepção.*

Abstract: As a result from his trip to Brazil in 1989 with the goal of integrating the cycle of “Os Portugueses ao encontro de sua História”, *Breviário do Brasil*, by Agustina Bessa-Luís, published in 1991, is far from constituting another book the discovered lands on Portuguese trips. It is also far from configuring a “breviary”, Augustina’s “trip diary” consists on a book of the impressions of a Portuguese woman that met Brazil early in her life through the intermediation of her father that, in a young age, moved to Rio where lived for twenty five years. The goal of this work is to perform an analysis of this hybrid kind focusing on evoking its reflections about the places (re)visited, inspired, and, above all, in spaces of its preference. Under the perspective of the *Geografia Humanista Cultural*, this study will focus on the meanders of the human condition, brought in the literary baggage of the author and ready to enter the scene in her drawing of Brazil.

Keywords: *trip diary; topophilia; ethnocentrism; perception.*

1. INTRODUÇÃO

Viajar tem sido, ao longo da história da humanidade, tão próprio da natureza do homem quanto o anseio por permanecer e edificar um lar. Tornou-se natural reconhecer na viagem um dos temas mais recorrentes da literatura, envolto em designações várias

que vão desde a viagem real e imaginária até a viagem no tempo e nos espaços virtuais da internet.

Agustina Bessa-Luís empreendeu uma viagem real ao Brasil em fins da década de 80 em companhia de um grupo de intelectuais portugueses. Sob o patrocínio do Centro Nacional de Cultura, tal empreitada fazia parte de um projeto maior que tinha por propósito o levantamento de vestígios legados pelos portugueses dos séculos XVII e XVIII ao mundo, de modo a compor fundamentos de uma história comum. Integrante, portanto, desta comitiva, Agustina percorreu várias regiões do país, permanecendo mais vezes no Rio de Janeiro, no Recife e na Bahia. De volta a Portugal, registrou em livro mais do que anotações de bordo: impressões, reflexões e percepções de uma narradora viajante que extrapolam o testemunho fidedigno da viagem. Em *Breviário do Brasil*, publicado em 1991, afloram o seu humor ácido, o discurso memorialista, a literariedade indiscutível, a crítica mordaz.

Nosso objetivo é tecer uma análise deste gênero híbrido no conjunto da obra da autora, que (re)visitou lugares inspirados, muitas vezes, em escritores da Literatura Brasileira e, curiosamente, em espaços de sua predileção, vividos, sobretudo, em Portugal. De forma perceptível, dialoga, em diversos momentos, com a obra *Brasil, um país do futuro* (1936), de Stefan Zweig. Sob a perspectiva da teoria da percepção da paisagem, de cunho fenomenológico-existencialista, desenvolvida pelos geógrafos humanistas Eric Dardel, em *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (1952) e Yi-Fu Tuan, com seu *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1974), esse estudo se voltará para os meandros da condição humana, sua consciência de mundo e sua natureza, trazidos na bagagem literária de Agustina e prontos para entrar em cena em seu desenho de Brasil.

2. UM BREVIÁRIO?

Longe de se configurar um esboço, ou síntese, ou ainda uma compilação ou compêndio que caracterizam, no campo lexical, o vocábulo “breviário”, o livro escrito por Agustina foge do que se denomina, popularmente, “diário de viagem”, visto refletir o pensamento da autora sobre os lugares que visita, suas impressões e, sobretudo, a percepção do outro, sua cultura e seu modo de viver. Em vários momentos deste texto híbrido, Agustina revela ao leitor que desconhece o que está se propondo a traçar, dada a

necessidade de, em sendo o Brasil o que é, registrar com poucas palavras a sua grandiosidade em todos os sentidos. Talvez pudesse sim compilar em poucas linhas o retrato do Brasil, mas seria apenas o que de fato interessa: a bondade do povo.

Contrariando, portanto, os velhos esquemas que condicionam as “cartilhas turísticas” ou os manuais de viagem, Agustina empreende a escrita de um livro que se assemelha em muito aos romances e às biografias que já escreveu. Anamaria Filizola sustenta que, também neste relato de viagem, Agustina se autoteoriza, tendo em vista a presença de várias reflexões que tece sobre o texto que dá à mostra ao leitor. “Como em outros escritos seus”, argumenta Filizola, “ela tanto confirma como contraria a teoria com a prática” (Filizola, 2003, p. 147). Propõe-se a escrever um livro breve e “carinhoso” e o que vemos é um livro denso e permeado pelo ressentimento, com algumas pinceladas de viva acidez. Um “caderno de notas” não daria conta do que absorveu do Brasil, mas o que lhe interessa está longe de ser o que aguça os olhos do mundo. Sua insistência em afirmar que não são as paisagens brasileiras que a atraem, e sim as pessoas constitui quase um lugar-comum do livro, o que pode ser contraposto com a visita a Manaus, por exemplo.

A edição de 1991, publicada pela Edições Asa, com ilustração de Fernando Távora, apresenta a obra como um “diário de viagens” em versão bilíngue, já a publicada em 2012 pela Guimarães Editora adota a nomenclatura “viagens” e ainda insere outros textos, frutos de outras visitas de Agustina ao Brasil, antes e depois desta que registra em *Breviário*. Curiosamente, no primeiro texto que se insere logo após a escrita de o *Breviário*, datado de 1992, e que compõe a orelha da edição atual, ela volta a negar que a obra seja um diário, porém acrescenta em que consiste: “é uma conversa feita de amores e desamores repentinos e com a arte de os deixar de lado, antes que nos agradem ou desagradem de mais.” (Távora, 2012, p. 165).

O que iremos demonstrar aqui é que a arte de Agustina não foi capaz de “deixar de lado” tanto o que a agradou, quanto o que a desagradou no périplo pelo Brasil. Os amores e os desamores afluíram e o que temos é uma obra de ficção em que o espaço e a memória roubam a cena e se manifestam *word by word*.

3. AS IMPRESSÕES/PERCEPÇÕES DO BRASIL: A BAGAGEM DE AGUSTINA

Conforme a própria autora revela, esta não se configura sua primeira viagem ao Brasil, tendo em vista que seu pai viveu por 25 anos no Rio de Janeiro, sendo o Recife o lugar que teria visitado com mais regularidade. Especialmente para essa viagem que empreendeu junto com uma extensa comitiva, visitou o Rio de Janeiro – marco de início e de fim do périplo – Recife/Olinda, São Luís/Alcântara, Belém, Manaus, Brasília, Salvador, Ilhéus, Porto Seguro, Belo Horizonte, Ouro Preto, Congonhas do Campo e Mariana, com passagens por Petrópolis e Cachoeira, na Bahia. De todos os sítios visitados, compôs, como salienta Rejane Paiva, “um tratado antropológico dos costumes e da prática brasileira” (Paiva, 2012, s.p.).

Do livro *Brasil, um país do futuro*, escrito por Stefan Zweig em 1936, Agustina extrai muito do que entende ser a alma do Brasil, estampada em sua gente e em seu modo de viver. Por vários momentos, alude ao historiador e romancista quando pretende justificar determinado comportamento dos portugueses quando da colonização, de modo a amenizar, por exemplo, o caráter exploratório dos negros e dos índios ou, ainda, quando da extração desmedida do ouro das Minas Gerais. Um dos momentos em que o pensamento de Zweig aflora mais literalmente merece aqui uma reflexão, dada a intenção com que foi inserido no contexto da viagem de Agustina pelo Brasil.

Quando da chegada a Ilhéus, na região do cacau baiano, após tecer uma série de observações acerca do jantar servido numa chácara pelo cônsul português, Agustina divaga sua escrita e acaba por apontar no Carnaval que diz ser “um disfarce” do brasileiro de sua índole triste que possivelmente foi trazida pela gente melancólica ou sofrida que embarcou nas naus portuguesas ou holandesas. Respalda-se em Zweig para comprovar que não há uma “civilização ante-Descobrimientos” no Brasil. Pelo contrário. Ao citá-lo, Agustina confirma a concepção de que não há no país religião originalmente brasileira, nem poesia brasileira pré-histórica, muito menos música brasileira antiga. Tudo isso para se indispor com a mentalidade iconoclasta que vigorava, segundo ela, no Brasil que estava a visitar. Como negar a origem portuguesa? Como prescindir do parentesco com o idioma, a religião e os costumes portugueses? O Brasil do futuro de que fala Zweig deve se projetar para a frente, mas sem abandonar as “formas primitivas” que constituem o seu legado.

Essa passagem do texto de Agustina pode ser considerado exemplar no que concerne as suas impressões acerca do que vê, do que sente e do que imagina sendo uma escritora reconhecida em Portugal e fora dele, membro intelectual de uma comitiva organizada para um certo fim e, mais do que isso, uma visitante familiarizada com a cultura e a gente do Brasil. Do começo ao fim do livro, concluído na cidade do Porto no dia 28 de junho de 1989, perpassa um tom de ressentimento e de desencanto, acompanhado de um certo fascínio, mediado pelo discurso escrito, produzido, invariavelmente, por pensadores ou escritores brasileiros.

Não há, é preciso que digamos, ingenuidade na escrita de Agustina, o que evidencia uma percepção etnocêntrica de mundo. O geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, no livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, argumenta que “o etnocentrismo é um traço humano comum” e, mais adiante, que “a ilusão da superioridade e centralidade provavelmente é necessária para a manutenção da cultura. Quando a crua realidade despedaça a ilusão, é possível que a própria cultura decline.” (Tuan, 2012, p. 55). É o que podemos constatar quando, por exemplo, nas páginas iniciais do texto, ela trata do folclore como chamariz para o turismo:

Para o turista, o que conta é o folclore, muitas vezes degradado e reduzido à sensibilidade cosmopolita; os vestígios nobres da presença colonial vão-se apagando, e alguns, em breve tempo, serão irrecuperável ruína. Os novos estão empenhados em crescer depressa, tanto mais que crescer implica ingratidão e esquecimento. Não é um mal, é uma fatalidade. Tirar energias da aversão ao passado é coisa que se repete no curso das civilizações. (Bessa-Luís, 2012, p. 15).

Numa tentativa de não sucumbir diante do inevitável, Agustina, no parágrafo seguinte, enaltece a memória portuguesa no Brasil com a presença de “duas nostalgias”: a do índio da maloca e a do negro da senzala. Nostalgias da exploração e da escravidão.

O ressentimento se torna mais transparente à medida que o livro avança e novamente somos enlaçados no discurso etnocêntrico de Agustina quando o assunto é a ideia de pátria. Incomoda o fato de que os portugueses não tenham favorecido a cultura brasileira senão com “obras de ostentação e opulência pessoal”. A dor se reflete no discurso nacionalista: “Somos como o pai velho que repartiu a herança em vida e a quem

os filhos cospem na cara. Não é nobre, mas onde se viu herdeiro nobre senão a partir da centésima geração?” (Bessa-Luís, 2012, p. 45).

Tuan, em outra obra publicada anos mais tarde, intitulada *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, aborda o tema da afeição pela pátria que se aproxima consideravelmente da perspectiva etnocêntrica apontada em *Topofilia*. Segundo o geógrafo:

Quase todos os grupos humanos tendem a considerar sua pátria como o centro do mundo. Um povo que acredita que está no centro reivindica, implicitamente, a inelutável verdade da sua localização. Em diversas partes do mundo, esse sentido de centralidade se torna explícito por uma concepção geométrica do espaço orientada para os pontos cardeais. O lar está no centro de um sistema espacial astronomicamente determinado. Um eixo vertical, ligando o céu ao mundo inferior, passa pelo lar. As estrelas são percebidas como movendo-se ao redor da própria moradia; o lar é o ponto focal de uma estrutura cósmica. (Tuan, 2013, p. 183).

O cosmos para Agustina é Portugal ao redor do qual gira o Brasil, e isso pode ser comprovado não pela razão, mas pelo sentimento. Nas palavras da narradora viajante:

Para nós, o Brasil é um pouco uma pátria, quer queiramos quer não. Temos uma História comum que nada pode desarticular; e há uma história original, feita pelo carácter das suas regiões, na qual ninguém pode interferir, na medida em que está preservada geográfica e etnologicamente. Mas o sentido de comparação, essencial como pilar de todas as civilizações, somos nós, os portugueses, quem melhor o exerce. (Bessa-Luís, 2012, p. 45).

Metaforicamente, ressalta Tuan, a cidade ou a terra natal é tida como mãe ou nutriz, o que reforça o caráter filial do Brasil, declaradamente cobrado por Agustina em *Breviário*. Antonio Candido, na sua antológica *Literatura e sociedade*, expõe esta dialética quando trata da tensão do que é local com o que foi herdado da tradição europeia. Isto do ponto de vista literário, mas que corresponde ao que estamos a discutir aqui. Assim, segundo ele,

à medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles [pais portugueses] nos opusemos, num esforço de auto-afirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como

quem sofre ressentimentos ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu.
(Candido, 2006, p. 118).

A título de ilustração do que podemos constatar em *Breviário*, Agustina rememora a cidade de Curitiba com seus pinheiros de altas copas, “emblema da paisagem portuguesa”. No entanto, faz questão de minimizar a proximidade com a alegação de que apenas é possível perceber uma certa lembrança. A diferença, afinal, persiste. Ao suscitar novamente Curitiba mais adiante, o tom de nostalgia patriótica ganha espaço e Agustina revela ter trazido, ao contrário do que pretendia Álvaro de Campos, o passado roubado na algibeira:

Em Curitiba havia um restaurante de rodízio que me ficou na lembrança; e flores, e o pinheiro em toda a parte nascido, que parecia lugar da Europa. Trouxe algumas sementes, ou as mandaram, e três pinheiros crescem no meu jardim tão tranquilamente como se os ervais dos canteiros os protegessem.
(Bessa-Luís, 2012, p. 62).

Quando da chegada a Ouro Preto, esse sentimento nostálgico se amplia: “De resto, tudo lembra o Douro, de Portugal. As calçadas a pique, as aldeias postas em socacos e a neblina fria que encobre a montanha. Do meu quarto, (...), vejo os altos cimos que parecem as terras antes de Pombal e onde cresce um milho de bandeira ainda verde.” (Bessa-Luís, 2012, p. 111). Sentimento esse que Tuan identifica como “sinal visível” da intensa afeição pela pátria. Tal sentimento, ainda sob seu ponto de vista, “embora subconsciente, pode se formar simplesmente com a familiaridade e tranquilidade, com a certeza de alimentação e segurança, com as recordações de sons e perfumes, de atividades comuns e prazeres simples acumulados ao longo do tempo.” (Tuan, 2013, p. 195).

Por quase todos os lugares que percorreu com a comitiva, Agustina estabeleceu associações com sua terra natal, mas foi em Congonhas do Campo, outrora já visitada, que sua veia ácida e seu espírito patriótico se manifestam em torno de uma única figura: o Aleijadinho. O ataque recai sobre a lavagem dos Profetas:

Os Profetas foram lavados à escova e não sei se perfumados, como os cavalos de Lampião, quando o pequeno Volta-Seca os levava ao rio para os tratar como cavalos de sheik. A pedra-sabão aparece com cimento, e perdeu-se a patine fosca e melancólica. Parecem indignados, não das profecias que lançam, mas da limpeza que lhes exigem. Os Profetas não eram para grandes

abluições. Banho, o do baptismo; e o restante são unguentos e rituais, como os lava-pés dos discípulos e a tática de Pilatos. (Bessa-Luís, 2012, p. 124).

Já o sentimento topofílico (palavra cunhada por Tuan e que se associa ao elo afetivo criado entre a pessoa e o lugar ou o ambiente) se manifesta quando Agustina procura encontrar um paralelo entre a arte esculpida por Aleijadinho e a que está presente no santuário do Lamego. O que chama a atenção – e isso ela não se inspirou em Zweig – é a suposição de que o Aleijadinho teria estudado em Portugal, mesmo tendo consciência de sua trágica história de vida, marcada pela lepra que lhe mutilou pés e mãos. Não tendo argumento fundamentado para comprovar o que supõe, justifica a falta de informação sobre a biografia do escultor na sua “tragédia física”: “A sua tragédia física limitou muito a curiosidade sobre a sua vida; sabido que aos que sofrem não se molesta com perguntas que os dessacralizam.” (Bessa-Luís, 2012, p. 126).

Anamaria Filizola, em trecho do artigo “Agustina Bessa-Luís e o Brasil: diário de viagem”, faz questão de lembrar que não são quaisquer portugueses que integram a comitiva que encabeça o projeto “Portugueses ao encontro de sua História”. “São gentes de cultura”, afirma. Logo, a viagem exemplifica momentos de expectativa e frustração. E a autora continua:

As recepções por parte dos políticos e intelectuais brasileiros assim como pela colónia portuguesa presente em muitos dos locais visitados, deixam entrever a ignorância acerca do grupo, equívocos sobre a história de Portugal, os preconceitos para com a cultura lusitana, a pouca memória dessa história comum e até falta de cortesia e certa agressividade. (Filizola, 2003, p. 07).

Um dos pontos altos da viagem em que Agustina deixa transparecer a frustração pelo não reconhecimento da intelectualidade portuguesa por parte dos brasileiros se verifica por ocasião da visita ao Museu do Homem em Manaus, que guarda a memória do ciclo da borracha. Não sem antes tecer críticas ferinas aos objetos e peças ali reunidos (“um amontoado de peças sem valor provado e cuja sequência não está conforme o novo espírito dos museólogos”), a narradora viajante emerge a figura de Ferreira de Castro e de seu papel junto à recondução do Acre ao patrimônio brasileiro. Reconhece uma das primeiras edições de *A Selva* no museu, inclusive em “muito mal estado”, e confessa que

o sentimento português, ao ter constatado a presença do autor neo-realista naquele espaço, a invadiu com comoção.

No entanto, o inconformismo de Agustina vem à baila ao relembrar uma situação vivenciada em São Paulo, durante outra viagem, em que trocou farpas com um escritor sobre o próprio Ferreira de Castro, reduzido, segundo ela, “a mero provinciano de novela”. O referido escritor ridicularizou declaradamente o autor de *A Selva* e demonstrou ignorância quanto à justa realidade crua e brutal retratada pelo livro. Em contrapartida, Agustina o ataca com fina ironia:

O pinoca urbano, o pequeno adamastor de cabeceira que descreve o sexo como um passatempo, não pode entender A Selva em toda a sua experiência de perigos e de miséria que adapta às necessidades do homem a escassa voz onde o prazer assoma, no silêncio dos animais; no seu pacto sem linguagem e sem armadilhas. Ferreira de Castro entendeu os costumes nos barracões da selva e o pulsar sazonal das grandes chuvas em que o homem descansa e mitiga a solidão com imaginações em que o pecado é liberto das suas ociosidades e se torna facto auxiliar da vida e da morte. Por isso eu considero A Selva um livro em que o Brasil está em toda a sua majestade, sem pitoresco e sem rendição alguma. (Bessa-Luís, 2012, p. 55-56).

O espaço da floresta, vivenciado e traduzido por Ferreira de Castro e interpretado por Agustina, encontra em Eric Dardel, geógrafo francês, autor de *O Homem e a Terra*: natureza da realidade geográfica, sua reflexão filosófica. No capítulo dedicado ao espaço geográfico, Dardel analisa-o sob várias perspectivas. É justamente quando da abordagem acerca do espaço telúrico que evidenciamos a presença da floresta. Segundo o estudioso,

O espaço telúrico, como espaço fechado, profundidade e movimento, é também floresta. Ela preenche o espaço, envolve o homem em mistério e temor: jungle indiana, selva amazônica, taiga siberiana. “Quem nunca esteve na ourmany, diz um provérbio russo, não conhece o medo.” A floresta comunica ao espaço sua profundidade e seu silêncio. Obscuridade solene, sonoridade sufocada que amplifica o menor barulho, misteriosa quando a luz peneirada, filtrada em raios, vem se lançar sobre seus sub-bosques, ela assombra a imaginação dos homens, favorece sua sensibilidade e sua meditação. (Dardel, 2011, p. 19).

Ferreira de Castro viveu a experiência do medo *in loco*, bem como a liberdade da imaginação em meio aos mistérios e silêncios da floresta amazônica, o que singulariza o escritor na opinião de Agustina. O seu comportamento épico o distancia consideravelmente do “pequeno adamastor de cabeceira”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As impressões/percepções de Agustina nesta viagem empreendida ao Brasil, para além da experiência pessoal adquirida de outras visitas ao país, foram mediadas, de modo significativo, pelo discurso escrito de autores e pensadores brasileiros, mas a grande inspiração tem origem nas impressões de Stefan Zweig, tão estrangeiro quanto ela, tão eurocêntrico quanto a própria Agustina evidenciou ser ao longo do *Breviário*.

O que pudemos depreender da leitura do suposto diário é o misto de atração e repulsa, de fascínio e de ressentimento, como tão bem salientou Anamaria Filizola, pelas coisas, lugares, pessoas, gestos e linguagens que caracterizam o Brasil e que o aproximam de Portugal, ainda que nem sempre de maneira óbvia e transparente.

O fato de termos nos reportado aos geógrafos humanistas Yi-Fu Tuan e Eric Dardel, para uma reflexão filosófica da postura assumida por Agustina diante dos fenômenos “pátria” ou “floresta amazônica”, possibilitou-nos maior entendimento do espírito de lugar abraçado pela autora portuguesa, visceralmente presa à memória da infância ou dos tempos gloriosos da metrópole colonizadora.

Em Agustina se registra – e isso é o que podemos concluir dessa análise de *Breviário* – a mesma expressão patriótica manifesta por Joaquim de Carvalho em discurso proferido no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, em 1953, por ocasião do Dia de Camões: “Nós portugueses haurimos o patriotismo com o leite materno e com a fala que nos é própria, de vocabulário abundante e fino, mas incomparavelmente mais apto a exprimir o que o coração sente e os olhos vêem do que o que a razão excogita e sutilmente distingue” (Carvalho, 1953, p. 18).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bessa-Luís, A. (2012). *Breviário do Brasil e outros textos*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Candido, A. (2006). *Literatura e sociedade*. 9ª ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.
- Carvalho, J. (1953). *Compleição do patriotismo português*. Coimbra: Atlântica.

- Dardel, E. (2011). *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva.
- Filizola, A. (2003). Agustina Bessa-Luís e o Brasil: diário de viagem. *Revista Letras*, 59, 145-155.
- Paiva, R. D. F. L. (2012). Descobrindo Portugal, redescobrindo o Brasil: uma análise comparativa das narrativas de viagem *Breviário do Brasil*, de Agustina Bessa-Luís e *Janelas verdes*, de Murilo Mendes. *Revista Crioula*, 12.
- Tuan, Y. (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina- PR, Editora da UEL.
- Tuan, Y. (2013). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina-PR, Editora da UEL.